

EDITORIAL

## Feliz ano velho

Diz-se que no Brasil o ano só começa depois do Carnaval. Este ano, o pós-Carnaval começou acelerado para o governo, que agiliza as negociações no Congresso para aprovar sua nova proposta para a Reforma da Previdência. E não está para brincadeira: a reforma é o tema central desta edição em que entrevistamos o diretor de Assuntos Jurídicos do Proifes, Eduardo Rolim, e a presidente da Fundação ANFIP de Estudos Tributários e da Seguridade Social, Aurora Miranda. Vale lembrar que tentaram aprovar esta reforma antes e ela foi barrada. Nestas páginas, porém, também cabem boas notícias: conversamos com professores do Cepae sobre os diferenciais da educação infantil dentro da UFG. Falamos ainda sobre o projeto Agro Centro-Oeste, que capacita, profissionaliza e ajuda dezenas de pequenos produtores a até mesmo exportarem seus produtos tradicionais, como queijos, doces e cachaça. Por fim, conversamos com o psiquiatra do Siass sobre adoecimento mental entre docentes e a importância da prevenção e cuidados para uma vida mental saudável e sem estresse.

Boa leitura!

**Redação:** (62) 3202-1280

jornaldoprofessor.adufg@gmail.com

# Muito a perder

Aurora Miranda e Eduardo Rolim (foto) apontam as muitas desvantagens da proposta do Governo Federal

Páginas 8 e 9

Guilherme SF



**PREVIDÊNCIA:** Palestras sobre reforma ajudam sociedade a compreender tema

## Seguindo na luta

Fórum Goiano debate conjuntura e planeja agenda

Página 6

## EXTENSÃO

O céu é o limite: Planetário tem mais de quatro décadas de história

Página 10

Luciana Porto



**TRAJETÓRIA:** Um milhão de quilômetros de experiência: professor Romão é pesquisador, filantropo e contador de inúmeras histórias

## Resiliência

Documentário *Conversa Fiada* conta a trajetória de 15 mulheres batalhadoras

Página 12

## SAÚDE

Combater o estresse é chave para a felicidade e para uma mente saudável

Página 13

**prestação de contas****Janeiro de 2019**

<b>1 Arrecadação, Rendimentos Financeiros e Outros</b>		
1.1	Contribuição Filiados - Mensalidades	377046,46
1.2	Ingressos, Eventos e Festas	2.310,00
1.3	Receita com Pró Labore Seguro de Vida	1.666,11
1.4	Receitas Financeiras	8.590,34
1.5	Outras Receitas	1.046,99
1.6	Resgate de aplicações financeiras	925,21
1.6.1	IRRF/IOF sobre Resgate de aplicações financeiras (-)	2,41
<b>Total R\$</b>		<b>391.582,70</b>

<b>2 Custos e Despesas Operacionais</b>		
2.1	Despesas com Pessoal	
2.1.1	Salários e Ordenados	67.370,46
2.1.2	Encargos Sociais	53.607,72
2.1.3	Seguro de Vida	720,61
2.1.4	Outras Despesas com Pessoal	2.632,25
2.1.5	Ginástica Laboral	650,00
2.1.6	Férias, 13º salário e Rescisões	27.243,04
2.1.7	PIS s/ Folha de Pagto.	1.234,05
<b>Total R\$</b>		<b>153.458,13</b>

<b>2.2 Serviços Prestados por Terceiros</b>		
2.2.1	Cessão de Uso de Software	2.363,67
2.2.2	Despesas com Correios	4.378,52
2.2.3	Energia Elétrica	3.682,39
2.2.4	Honorários Advocáticos	10.005,00
2.2.5	Honorários Contábeis	3.815,00
2.2.6	Locação de Equipamentos	400,00
2.2.7	Serviços Gráficos	4.830,50
2.2.8	Honorários de Auditoria	0,00
2.2.9	Tarifas Telefônicas e Internet	3.420,53
2.2.10	Hospedagem/manutenção/layout do site	4.632,54
2.2.11	Vigilância e Segurança	437,50
2.2.12	Comunicação/Rádio/TV/Jornal	0,00
2.2.13	Serviços de Informática	2.520,00
2.2.14	Outros Serviços de Terceiros	120,00
2.2.15	Água e Esgoto	594,57
<b>Total R\$</b>		<b>41.199,72</b>

<b>2.3 Despesas Gerais</b>		
2.3.1	Combustíveis e Lubrificantes	3.413,67
2.3.2	Despesas com Táxi	317,68
2.3.3	Despesas com Coral	4.293,87
2.3.4	Despesas com Grupo Travessias	2.000,00
2.3.5	Diárias de Viagens	5.232,25
2.3.6	Tarifas Bancárias	496,82
2.3.7	Lanches e Refeições	38,23
2.3.8	Quintart/Sabadart	0,00
2.3.9	Patrocínios e Doações	8.180,00
2.3.10	Manutenção de Veículos	2.409,90
2.3.11	Festa do Professor	0,00
2.3.12	Festa Final de Ano	0,00
2.3.13	Passagens Aéreas e Terrestres	479,12
2.3.14	Gêneros de Alimentação e Copa	1.255,95
2.3.15	Despesas com manutenção Sede Campeste	7.765,41
2.3.16	Hospedagens Hotéis	2.667,30
2.3.17	Material de expediente	541,45
2.3.18	Outras despesas diversas	2.782,03
2.3.19	Manutenção e Conservação	1.965,29
2.3.20	Homenagens e Condecorações	0,00
2.3.21	Despesas com Sede Adm. Jataí	2.512,98
2.3.22	Despesas com Sede Adm. Catalão	2.370,73
2.3.22	Despesas com cursos para aposentados	0,00
2.3.23	Cópias e autenticações	0,00
2.3.24	Sextart/Festa do Professor Jataí	0,00
2.3.25	Festa do Professor Catalão	0,00
2.3.26	Despesas com Eleições	0,00
2.3.27	Despesas com manifestações	0,00
2.3.28	Despesas com Espaço Saúde	838,72
2.3.29	Despesas com atividades do Espaço Cultural	800,01
2.3.30	Despesas com processos jurídicos	1.036,39
<b>Total R\$</b>		<b>51.397,80</b>

<b>2.4 Despesas Tributárias</b>		
2.4.1	IR sobre Folha de Pagto/Férias/Rescisões	6.832,98
2.4.2	Outras Despesas Tributárias	901,55
<b>Total R\$</b>		<b>7.734,53</b>

<b>2.5 Repasse Fundo Social e Contribuições</b>		
2.5.1	Repasse para C/C Fundo Social	0,00
2.5.2	CUT - Central Única dos Trabalhadores	0,00
2.5.3	Proifes Federação	27.471,00
<b>Total R\$</b>		<b>27.471,00</b>

<b>Total Geral dos Custos e Despesas Operacionais R\$</b>	<b>281.261,18</b>
<b>3 Resultado do exercício 01.2019 (1-2)</b>	<b>110.321,52</b>

<b>4 Atividades de Investimentos</b>		
4.1	Imobilizado	
4.1.1	Construções e Edificações	0,00
4.1.2	Máquinas e Equipamentos	0,00
4.1.3	Veículos	0,00
4.1.4	Móveis e Utensílios	0,00
4.1.5	Computadores e Periféricos	2.025,00
4.1.6	Outras Imobilizações	3.850,00
<b>Total R\$</b>		<b>5.875,00</b>

<b>4.2 Intangível</b>		
4.2.1	Programas de Computador	0,00
4.2.2	Investimentos com Marcas e Patentes	0,00
<b>Total R\$</b>		<b>0,00</b>

<b>4.3 Aplicações Financeiras</b>		
4.3.1	Aplicação CDB	40,0
<b>Total R\$</b>		<b>40,00</b>

<b>Total Geral dos Investimentos R\$</b>	<b>5.915,00</b>
<b>5 Resultado Geral do exercício 01.2019 (3-4)</b>	<b>104.406,52</b>

Os valores contidos nestes relatórios estão por Regime de Caixa. Regime de caixa é o regime contábil que apropria as receitas e despesas no período de seu recebimento ou pagamento, respectivamente, independentemente do momento em que são realizadas.

**CARTAS DOS LEITORES**

Críticas, sugestões de pauta e comentários >>> [jornaldoprofessor.adufg@gmail.com](mailto:jornaldoprofessor.adufg@gmail.com)

*O professor Hélio Furtado, um dos fundadores do Adufg-Sindicato, nos escreveu sobre a nova carga do governo federal em relação ao seu longo processo em busca de seus direitos trabalhistas. Agora, a UFG passa a lhe cobrar uma quantia exorbitante e o professor critica o que chama de perseguição aos professores antigos:*

*Ao Jornal do Professor,*

*Uma ação de cobrança me é encaminhada: a UFG, pressionada pelos CGU/AGU/Planejamento, inspirada pelo TCU, está a me cobrar a quantia de R\$ 170.000,00. Alguns aposentados e pensionistas são intimados a pagar R\$ 514.000,00. Com isso a arrecadação global atinge R\$ 2.400.000,00.*

*Sou criticado por ter agido de má-fé, como se eu fosse responsável pela elaboração da folha de pagamento de uma complementação de proventos, pagos desde 1994.*

*Não é a primeira vez que a UFG me aciona a uma cobrança. Já o fizeram em 1999, embora sem sucesso graças a uma decisão do Supremo Tribunal Federal. Assim a cobrança de R\$ 144.000,00, calculada na época, não foi concretizada.*

*Confio numa verdadeira interpretação do Supremo Tribunal Federal ao ler a ementa do acórdão do Recurso Extraordinário (com Repercussão Geral) nº 669.069 (MG): "é prescritível a ação de reparação de danos à Fazenda Pública decorrente de lícito civil".*

*Só lamento o fato de a UFG, sob pressão, estar a reduzir a gratificação de centenas de docentes, beneficiados pelo art. 192 da Lei 8112/90. E o tempo decorrido, eis que muitos se aposentaram antes de 1997?*

*Onde está a autonomia administrativa e de gestão financeira de que gozam as Universidades, prevista no art.207 da Constituição Federal?*

*Chego a pensar que um dos meus antepassados está a me alertar sobre uma Inquisição.*

*Agradece,*

**Hélio Furtado do Amaral**



SINDICATO



19ª Diretoria Executiva  
Sindicato dos Docentes das  
Universidades Federais de Goiás

**Flávio Alves da Silva**  
Diretor Presidente

**Walmirton Tadeu D' Alessandro**  
Diretor Vice-Presidente  
e de Comunicação

**Veridiana Maria Brianezi D. de Moura**  
Diretora-Secretária

**Daniel Christino**  
Diretor de Promoções Sociais,  
Culturais e Científicas

**João Batista de Deus**  
Diretor Administrativo

**Geovana Reis**  
Diretora de Assuntos Educacionais,  
de Carreira e do Magistério Superior

**Thyago Carvalho Marques**  
Diretor Financeiro

**Ana Christina de Andrade Kratz**  
Diretora de Convênios e de  
Assuntos Jurídicos

**Abraão Garcia Gomes**  
Diretor de Assuntos de  
Aposentadoria e Pensão

**Luis Antônio Serrão Contim**  
Diretor para Assuntos Interinstitucionais

**Jornal do Professor**

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DOS  
DOCENTES DAS UNIVERSIDADES  
FEDERAIS DE GOIÁS

ANO VII - Nº 55

ABRIL de 2019

Professor Juarez Ferraz de Maia  
**Idealizador do projeto**

Cleomar Nogueira  
**Projeto gráfico original**

Luís Gustavo Rocha (JP 3195 GO)  
**Editor responsável**

José Abrão (JP 3331 GO)  
**Edição e reportagem**

Luciana Porto (JP 3175 GO)  
**Reportagem**

Bruno Destéfano  
Guilherme Fernandes  
**Estagiários**

**Diagramação:** Thamires Vieira

**Data de fechamento:** 25/03/2019

**Tiragem:** 3.000 exemplares

**Impressão:** Stylo Gráfica

[jornaldoprofessor.adufg@gmail.com](mailto:jornaldoprofessor.adufg@gmail.com)

9ª Avenida, 193, Leste Vila Nova -  
Goiânia - Goiás - (62) 3202-1280

**Acompanhe nossas redes sociais:**  
@adufgsindicato

[www.adufg.org.br](http://www.adufg.org.br)



Cleomar Rocha\*

# Inovação, goianidades e outras tradições

A inovação é uma oportunidade que não bate à porta, ela é força que emerge do assoalho, tomando de sobressalto os incautos, aqueles que pensam que o mundo permanecerá incólume, alheio às mudanças que, desenfreadas, atropelam os que preferem acionar as travas, que como pedras no rio, tentam deter a água. Exercício vão, ainda que exitoso por pouco tempo. E o tempo, aqui, é o tempo da cultura, cujas águas parecem calmas na superfície, escamoteando a corrente forte que opera abaixo dela. Quem mergulha nessas águas pode identificar a força tida nesse rio, que embora na superfície reflita o céu, em seu percurso move terras, criando veios e sustentando vidas, em um exercício veloz de mover seu leito, sobre o qual jamais dorme.

A força da inovação, contudo, não se opõe à tradição, como o pensamento comum supõe: o vocábulo tradição vem do latim *traditio*, derivado de *tradere*, que significa entregar, passar adiante. O verbo é formado por *trans-*, adiante, além, e *dare*, dar, entregar. Tradição, originalmente, significa passar algo a alguém, normalmente vinculado a costumes, hábitos e outras especificidades socioculturais. Não se opõe, portanto, à ideia de inovação, nem estabelece relação de sinonímia com fixação. Inovação, ela mesma, pode ser uma tradição, como estamos aprendendo com Japão, Alemanha e mesmo com os Estados Unidos, embora este último resvale em um conservadorismo que, este sim, conserva, sem muito êxito, valores e costumes já mofados.

No Brasil, a onda de conservadorismo pode ser um freio no desenvolvimento social, incluindo tudo o que a inovação requer, principalmente no que diz respeito à ciência e à tecnologia, elementos que definem o *Zeitgeist* contemporâneo. A perspectiva de uma moralidade quase vitoriana embute um viés perigoso para a cultura, justamente por confundir moralidade com conservadorismo, podendo frear oportunidades de discutir e implementar uma tradição moral ajustada a um tempo, ao nosso tempo.

Em Goiás, a inovação encontra cenário similar ao brasileiro, com a dificuldade de estarmos um pouco mais distantes da área mais desenvolvida do país, nos quesitos apontados. Enquanto polos tecnológicos em São Paulo, Pernambuco e Santa Catarina despontam, catapultando a economia e a geração de empregos em passos firmes para a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, nosso slogan do governo passado, "Goiás, um estado inovador", não foi muito além de slogan. A atenção voltada para a inovação ainda carece de seriedade e compromisso, haja vista alguns retrocessos empreendidos, com dissolução de ações que contribuem, efetivamente, para o exercício da cidadania e a melhoria da base científica e tecnológica no estado.

Ações empreendedoras e inovadoras, como a implementação de inteligência no estado, principalmente na educação, saúde e segurança, ainda patinam, enquanto a burocracia impera, com sua moralidade retrógrada e ineficiente, casulo de mandatários feudais em seus nichos destituídos de cor, luz e perspectivas. Ainda que alguns projetos de cidade inteligente lancem luz no cenário goiano, será preciso mais que isso para

alavancar o estado, tornando-o competitivo. Soluções tecnológicas para problemas sociais são apenas um dos aspectos em que naufragamos. A inexistência de políticas para polos tecnológicos e científico-tecnológicos evidencia o quadro de incompletude que temos. O parque científico-tecnológico da UFG, por exemplo, projetado para ser maior e em articulação com o Estado, vingou solitário, recebendo apoios pontuais e assistemáticos, sem a consistência planejada.

O protagonismo da cena é disputado entre a UFG, considerada a 20ª melhor universidade do país, segundo o Ranking Universitário Folha 2018, divulgado recentemente; o Instituto ACE GynTec, que movimenta o contexto inovativo do estado; e o município de Aparecida de Goiânia, que este ano se tornará um dos municípios brasileiros de maior rede digital por fibra óptica do país, criando base para revolucionar a cidadania no município. Outras ações pontuais, como as ações do Coletivo

Centopeia e de alguns outros espaços de coworking buscam iluminar o céu do estado, ainda que não façam, juntos, uma constelação nominada na astronomia da inovação brasileira.

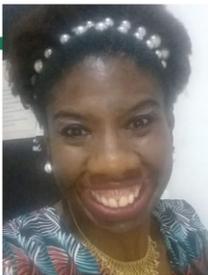
A UFG, ainda que tenha o peso de uma Universidade Federal e padeça com os cortes orçamentários federais, apresenta a leveza de suas ações pouco burocratizadas e o vigor das pessoas que a conduzem, enfrentando heroicamente as dificuldades que se erguem. A manutenção do projeto do parque científico-tecnológico, a criação da UFG Aparecida tematizada na Ciência e na Tecnologia e o apoio a laboratórios destinados à inovação, como o RTI, o FarmaTec, o LabTime e o Media Lab, dá mostras de qual o papel que a instituição quer representar na cena goiana. Seus esforços incluem a oferta de cursos inovadores, como a especialização em Inovação em Mídias Interativas e a especialização em Educação Inclusiva e Tecnologias Assistivas, ambas ofertadas do Media Lab, e se lastreiam por cursos *Stricto Sensu*, como o PPG em Ecologia e Evolução, que tem conceito 7, concedido pela CAPES e identificador de cursos de referência internacional.

A presença e atuação da UFG faz mexer o fiel da balança, sendo determinante não apenas para a formação profissional, mas essencialmente pela modelização de perfis inovadores, baseados na pesquisa e na formação de novos pesquisadores. Ainda que faltem articuladores institucionais que se nivelem com a robustez da UFG em terras goianas, há de se admitir que ela contribui significativamente para que haja tais articuladores, ainda que a contribuição seja na liberação de seus doutos quadros humanos para o Estado e para os Municípios, como tem ocorrido.

A atuação da UFG, portanto, não se limita a uma amplitude intramuros, antes, se lastreia na cena estadual e, como água, penetra o solo do cerrado, tornando-o fértil de mentes inovadoras, capazes de tornar a inovação em mais que uma palavra da moda, em uma verdadeira e nova tradição.

\*Coordenador do MediaLab UFG, pesquisador PQ CNPq e professor nos PPGs Arte e Cultura Visual (FAV/UFG), Performances Culturais (FCS/UFG) e Arte (IdA/UnB).

“No Brasil, a onda de conservadorismo pode ser um freio no desenvolvimento social, incluindo tudo que a inovação requer, principalmente no que diz respeito à ciência e à tecnologia”



Luciana  
Aparecida Elias \*

# Humanidade no espelho

Poderia iniciar o texto fazendo um histórico de quando foram instituídos os DIREITOS HUMANOS, qual sua finalidade e o contexto histórico. Poderia lembrar que a última declaração, enquanto tratado, foi motivada pelo horror de uma guerra mundial onde o fascismo o racismo e o nazismo quiseram imperar sobre os povos. Poderia lembrar que a Organização das Nações Unidas os declarou em 1948, três anos após sua criação. Mas, quero iniciar olhando-me no espelho e depois olhando os colegas que estão à minha volta.

O que faz uma sociedade, uma organização, uma instituição nos desqualificarem como tal, ao ponto de termos que nos reunir e lutar para que direitos básicos sejam preservados? Que injustiças não sejam esquecidas ou repetidas? Justiça é a vontade de que o direito seja garantido. E muitas vezes essa justiça age de má vontade e de forma desatenta.

Incomodada com a falta de identidade étnica e de gênero das lutas sindicais e acadêmicas, analisando que boa parcela das discussões políticas dos últimos tempos se deu por conta das questões de gênero e enquanto, na época, diretora desse Sindicato, propus em 2016 a discussão sobre as mulheres negras em âmbito nacional. Dali surgiu a criação do GT Direitos Humanos no PROIFES-Federação.

A princípio intitulado de GT Minorias, já na primeira reunião decidimos que o que tínhamos que garantir é o direito à humanidade. Mesmo porque, quem disse que somos minoria e, antes disso, minoria onde? Minoria, porquê? O GT entendeu que é necessário ampliar, definir uma dialética aceitável e um discurso que agregue e não aparte os seres humanos.

Acredito que nenhuma proposição de etnicidade/raça, gênero, condição física, dirime a condição humana da pessoa. Quem é essa sociedade que estabelece padrões e setores que não inclui TODAS e TODOS? Volto a olhar-me no espelho. Volto a olhar ao redor.

O mais discrepante é que temos que propor medidas de luta (conjunta) para que haja respeito à nossa essência, à nossa individualidade ou ao nosso íntimo. Como se travestir de falsidade, fazer-se de *fake* para agradar uma sociedade que não nos inclui em seus modelos, também *fakes*, fossem o correto e aceitável.

Não nos furtaremos de estabelecer medidas, lutas, intervenções que combatam qualquer ação que difira um humano do outro, ou que possa não corrigir injustiças produzidas por uma história mal contada, onde uma só versão é divulgada.

É preciso organizar a luta. É preciso juntar as forças. É preciso unificar as vozes dos historicamente segregados aos guetos. Se antes estabeleciam o lugar da casa, a profissão, a região da cidade onde uma ou outra pessoa estaria predestinada, hoje é preciso romper as fronteiras. O desequilíbrio social e antropológico, que, por um breve momento, arrefeceu, hoje vemos se acentuando sob uma ótica, às vezes, acadêmica.

O Brasil, de muitas misturas, surpreendentemente se

revela com uma dificuldade enorme de se identificar como tal. Exige certas predefinições, conceitos binários e visões sedimentadas que não condizem com sua diversidade identificada inclusive por sua estrutura ecológica. Um país que tem enchentes e secas, neve e altas temperaturas, umidade e calor teria que ser mais propenso a um espelhamento mais diversificado, mas não. Somos medíocres em pensamentos e muitas vezes nos perdemos num espelho com somente uma face. Daí, o que não se reconhece dentro do seu próprio “universo” se torna errado, feio, mal posto e execrável.

Admira-me quão poucas pessoas se dedicam a zelar, nem digo lutar, pelos direitos básicos de si próprios. Uma sociedade que justifica assassinatos, justifica chacinas, justifica segregação, não pode estar sadia numa visão antropológica. A justiça, que seria nossa única esperança de mediação, está patenteada pelos mesmos exemplos falhos da estrutura da nossa sociedade. Daí, a segurança de que o grito de “VALEI-ME!” não se tem o efeito desejado e a resposta requerida não é independente de onde venha. Ela olha, pontua, enumera e só então sentencia, muitas vezes, com justificativas insustentáveis mesmo dentro da letra da lei.

Há a necessidade de elencar curadores para cada direitos adquiridos por segmentos da sociedade, mas quando o direito é o da humanidade, todos somos convocados a nos responsabilizarmos pelo cuidado constante da vida em sua essência e abundância. Se não houver quem se atente para o fato, abrimos espaço para perdê-lo. Essa perda pode vir travestida de conceitos e preconceitos que cerceiam a amplidão de identidade e individualidade de cada um.

O olhar no espelho e o olhar para a sociedade me posicionam como membro de um todo, com minha individualidade, naquilo que me qualifica e também posiciona minha participação e contribuição para o mundo que é diverso. O que precisamos não é lutar contra a pessoa porque ela se apresenta num prospecto com o qual não se “concorda”. Teríamos lutas mais sólidas do que a existência do outro, quando ele já existe. Luta insana. Luta estranha. Luta que mata. Luta que morre. Prefiro lutar pela vida. Pela vivacidade. Pelo brilho no olhar das pessoas que são encantadoras por suas ideias. Prefiro espelhos múltiplos para que eu integre minha essência à essência do outro. Para que eu não me perca ou desencontre com o outro e me esconder ou aparecer seja um desejo meu.

Ao olhar no espelho vejo uma mulher, negra, matemática e identificada com o que vejo ao redor, não fisicamente, não na similaridade de área científica, mas sim na fé da dignidade e no valor do ser humano.

Vamos juntos nos colocarmos como cuidadores do direito à nossa humanidade sem predicados, sem a *priori*, somente pela essência de ser. Participe das discussões, dos fóruns e debates. Participe do GT Direitos Humanos do ADUFG – Sindicato.

*\*Luciana Aparecida Elias professora do Curso de Licenciatura em Matemática da Regional Jataí, membro do GT Direitos Humanos do PROIFES - Federação e do ADUFG - Sindicato. Ex-aluna do IME onde concluiu a graduação e mestrado. Doutora em Matemática Aplicada pela Unicamp.*

# RESPINGOS

Notícias do movimento docente, da vida na UFG e de questões jurídicas sobre o magistério superior

Por Daniel Christino

## Aposentados

Centenas de professores aposentados da UFG vivem instabilidade jurídica. Representantes do Adufg-Sindicato e cerca de 20 professores aposentados da Universidade Federal de Goiás (UFG) se reuniram com o reitor Edward Madureira para tratar da situação não pacificada entre a Controladoria Geral da União (CGU) e o Tribunal de Contas da União (TCU) a respeito do artigo 192 da Lei nº 8.112, de dezembro de 1990, que dispõe sobre o regime jurídico de servidores públicos federais, que buscou compensar carreiras defasadas.

## Interpretações

“É uma guerra de interpretação e subjudicial, não é a Lei”, declarou Ana Christina de Andrade Kratz, diretora de Convênios e de Assuntos Jurídicos do Adufg-Sindicato e professora aposentada. “Os professores, a maioria aposentada há mais de 25 anos, em face dessa perda salarial, estão com as finanças comprometidas. Tem professor que foi notificado até a devolver dinheiro”, explicou Flávio Alves da Silva, presidente do Adufg-Sindicato, como o caso do professor Hélio Furtado (carta na página 2).

## Cobrança

O grupo de professores prejudicados foi informado por correspondência da perda dos valores, em comunicação feita pela UFG, que agiu por determinação do governo federal. O documento causou espanto porque, além de anunciar a redução de ganhos, ainda apresentava pedido de devolução em valores não inferiores a 10% dos salários.

## Controle

O reitor da UFG, Edward Madureira, reconheceu a forma inadequada do envio de correspondências ao grupo de professores e chamou a atenção para o período atual em que os órgãos de controle “nos fiscalizam, nos atacam, nos intimam e nos ameaçam o tempo todo, em nome da lisura e da transparência dos processos”.

## Unimed

O Adufg fechou acordo de 13,55% (sem retroatividade) de reajuste para a Unimed-Goiânia. A proposta inicial da prestadora era de 16,45%. A decisão contempla, ainda, reajuste zero para os meses de outubro de 2018 a fevereiro deste ano, com pagamento retroativo apenas para o mês de março na parcela de abril. Outro fator positivo é que o valor do serviço de emergência – o SOS – sofreu reajuste de apenas 7,9% (sem retroatividade), o que representa R\$ 0,62 mensais.

## Câmara

Membros da diretoria do Adufg-Sindicato e do Fórum Goiano Contra a Reforma da Previdência e Trabalhista participaram de uma reunião com o vereador Felizberto Tavares. O encontro, que teve como pauta a Reforma da Previdência, se estendeu para uma sessão no plenário, onde o também vereador e presidente da Câmara Municipal de Goiânia, Romário Policarpo, participou do debate.

## Liquidados

Tavares criticou, a MP que retira a possibilidade dos sindicatos efetuarem os descontos da

contribuição, mesmo de forma autorizada, dos trabalhadores. “Como dizem os antigos, se não abrimos a capa do olho seremos liquidados. O objetivo do governo é aniquilar o único contrapeso na relação capital-trabalhador, que são os sindicatos”, disse.

## Insalubridade

O cumprimento da decisão liminar que determinava o retorno do pagamento das taxas de insalubridade e periculosidade aconteceu apenas para professores sindicalizados. A ação que gerou o retorno parcial à categoria foi proposta pela assessoria jurídica do Adufg-Sindicato. A entidade questionou a falta do pagamento a não sindicalizados. A UFG se comprometeu a pagar o adicional na folha de abril.

## Segredo

No início do semestre letivo, a biblioteca da UFG promoveu a campanha “Livro como presente”. Nela, os alunos puderam pegar livros sem poder ver a capa, apenas uma descrição. A ideia, naturalmente, é dar asas à curiosidade e não julgar um livro pela capa.

## Solidário

O curso de Ecologia e Análise Ambiental foi um dos que promoveu trote solidário na UFG. Os veteranos do curso botaram os calouros para plantar mudas de árvores nas proximidades do ICB V sob orientação do professor Heleno Dias Ferreira, do Departamento de Botânica do ICB.

## Mandarim

O Centro de Línguas da UFG está oferecendo curso de mandarim. O objetivo é posteriormente poder estabelecer um Instituto Confúcio por aqui. Os interessados podem se matricular pelo site [www.cl.letas.ufg.br](http://www.cl.letas.ufg.br).

# PREVIDÊNCIA

O presidente da Câmara de Goiânia Romário Policarpo (PROS), criticou a Reforma da Previdência. O vereador pontuou que estão sendo incluídos na proposta diversos itens que não tem nenhuma relação com a previdência social. “O problema do Brasil não é político, é administrativo, porque dinheiro tem e muito. É muito importante que essa Casa (Municipal de Goiânia) se posicione quanto a isso”, argumentou.

## Contratação

Em decisão liminar, um juiz da 4ª Vara Federal de Goiânia deferiu um mandado de segurança para que a UFG realize a contratação da candidata aprovada em primeiro lugar em um processo seletivo para professor substituto na Regional Catalão (UFCat), contudo a Universidade negou sua contratação por entender que a falta da apresentação de diploma de conclusão da pós-graduação é óbice à comprovação da titulação.

## Mandado

Impetrado o mandado de segurança, o departamento jurídico do Adufg-Sindicato pediu para que a Universidade fosse condenada a contratar a aprovada, pois ela apresentou à UFG declaração de conclusão da pós-graduação emitida pela instituição onde cursou a pós. Na pendência da confecção do diploma, o documento serve para comprovar a titulação necessária à contratação. A decisão tem caráter liminar e cabe recurso.

## Fapeg

Representantes da SPBC se encontraram com o novo presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg), Robson Vieira, e lhe entregaram o documento Agenda Positiva para a Ciência, Tecnologia e Inovação em Goiás: Defesa Irrestrita da Fapeg, composto com o apoio de diversas entidades de ensino e pesquisa no Estado, incluindo o Adufg-Sindicato.

## Duodécimo

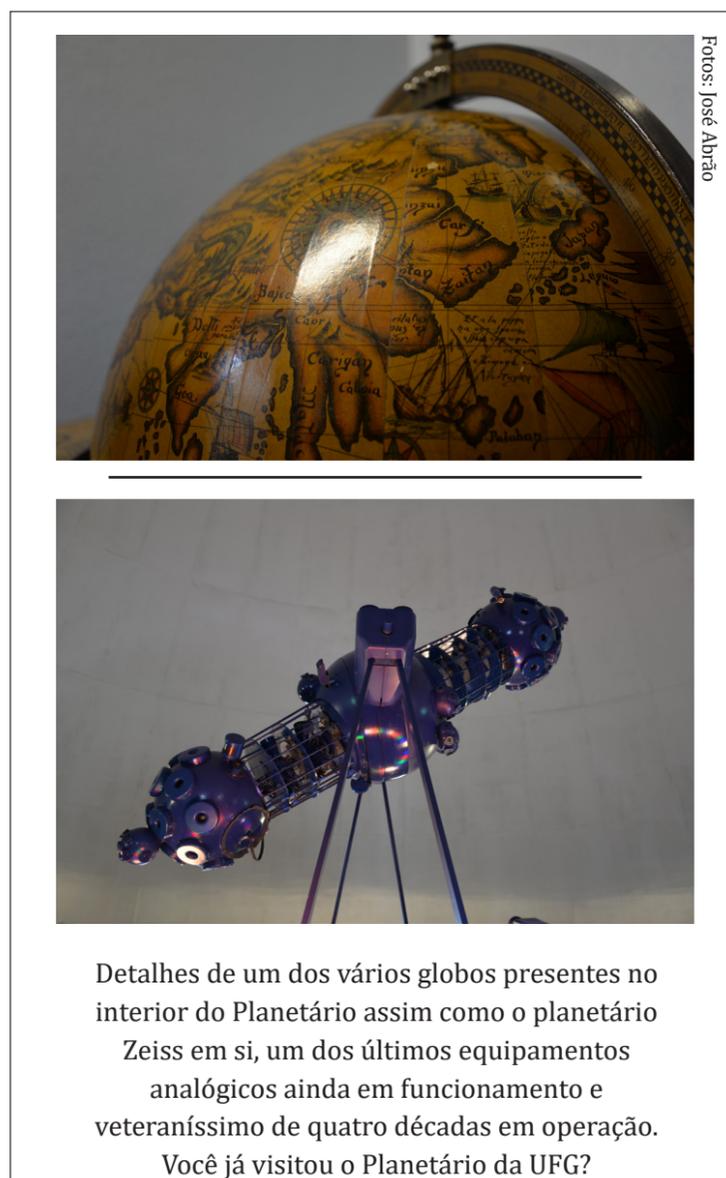
Os representantes também falaram da necessidade de se estabelecer a liberação de 0,5% dos recursos da fundação na forma de duodécimos para reduzir entraves à pesquisa. Robson disse estar alinhado com os pesquisadores e prevê parcerias.

## Deu no JP

A edição de março do Jornal do Professor foi composta em grande parte por matérias tendo como foco mulheres na Ciência. O JP saiu na frente com uma reportagem sobre a premiada pesquisa da professora Marize Valadares. Coincidentemente, mulheres na Ciência também pautou a edição do Dia da Mulher do jornal O Popular, trazendo, inclusive, uma matéria com a professora Marize e sua pesquisa com foto realizada no mesmo laboratório.

## Abaixo-assinado

SBPC-GO e o Adufg entregaram hoje (ontem) o abaixo assinado organizado pela Agenda Goiás em defesa da CT&I, com aproximadamente 5 mil assinaturas, contra a emenda aditiva ao artigo 148 da constituição estadual que retira a obrigatoriedade do investimento de 3,25% CT&I. O documento foi entregue ao presidente da ALEGO, deputado Lissauer Vieira (PSB), na presença da deputada Adriana Accorsi (PT).



Detalhes de um dos vários globos presentes no interior do Planetário assim como o planetário Zeiss em si, um dos últimos equipamentos analógicos ainda em funcionamento e veteraníssimo de quatro décadas em operação. Você já visitou o Planetário da UFG?

## Fórum Goiano Contra as Reformas da Previdência e Trabalhista debateu reformas e conjuntura política nacional

Entidades promovem agenda e eventos conjuntos de luta e de reflexão sobre a conjuntura nacional

A conjuntura política nacional se complica a cada dia: reformas complexas planejadas pelo governo federal devem pautar o Congresso Nacional ao longo de 2019, o que torna a necessidade de propagar informação algo fundamental para os movimentos sociais e entidades sindicais. Esta preocupação está no centro das ações do Fórum Goiano Contra as Reformas da Previdência e Trabalhista, na ativa desde 2017, e que realizou no final de fevereiro na sede administrativa do Adufg-Sindicato seu primeiro seminário.

Este primeiro evento teve como foco uma reflexão sobre esta conjuntura que se tornou um guarda-chuva para as agendas de diversos grupos. As principais falas vieram do professor Davi Maciel, da Faculdade de História (FH), que deu uma perspectiva histórico-social de como chegamos aqui e o que isto significa, e do professor Max Leno de Almeida, mestre em Ciências Econômicas e supervisor técnico do DIEESE-Brasília.

“Esse cenário econômico, político e social tem estimulado em diversos países, em graus variados, um processo de cerceamento ou eliminação das liberdades democráticas”, declarou Davi. Para ele, eventos unificados e a articulação do Fórum Goiano “é crucial”. Se não organizarmos uma luta conjunta, seremos devorados. Tudo quanto é reforma prejudicial às pessoas, eles vão aprovar. Parar por que, se não houver reação?”, questiona. Ele acredita que a melhor estratégia é desmascarar a propaganda governamental com informação: “A tática deles é dizer que estão combatendo privilégios. Não tem nada de privilégio. O que o professor ganha de aposentadoria devia ser a regra, não a exceção. Todo mundo vai ter aumento na contribuição, isso é desconto na fonte. Perspectiva anticrime do Moro é



José Abrão

Bruna Brelaz esteve em Goiânia para evento no Adufg-Sindicato



José Abrão

Professor Davi Maciel falou sobre liberdade democrática

criminalizar e matar pobre. É destacar isso. Nesse ponto de vista, a extrema-direita nunca vai falar. Eles não vão resolver os problemas da desigualdade, eles vão aprofundar todos esses problemas”.

Para Max, é preciso esclarecer as pessoas sobre o ponto de

vista econômico: “Essa estratégia passa por atividades como esta que é fundamental. Que se generalize em âmbito nacional, para além do local, tendo em vista que eu acho que é necessária uma reflexão de fato de vários elementos que estão por trás das futuras políticas a serem desenvolvidas

pelo governo federal, que já haviam sido sinalizadas pelo governo anterior.” Ele afirma que a população não tem noção real do impacto que as mudanças propostas irão trazer para suas vidas. “Temos informações passadas pelo governo e precisamos desconstruir estes elementos que eles querem passar para a sociedade. O governo acredita que a população vai abraçar a reforma da previdência e temos que esclarecer quais os principais problemas e os reais impactos negativos na sociedade”.

Já Bruna Brelaz, diretora de relações institucionais da União Nacional dos Estudantes (UNE) trouxe a perspectiva dos estudantes brasileiros, em todos os níveis, que veem seu futuro ameaçado pelas políticas do atual governo. Ela conta que desde o ano passado o movimento estudantil tem se fortalecido, ao contrário do senso-comum de que os estudantes de hoje são desinteressados politicamente. Isto pode ter sido culpa do próprio presidente: “ele mesmo se combateu porque quando ele chama o CA de ‘ninho de rato’, ele mobiliza os estudantes brasileiros. Ele mesmo criou uma pauta polêmica no meio estudantil que faz que mesmo os estudantes que não são de esquerda ou que não são engajados se organizem”.

Ela acredita que a luta precisa ser propositiva: “mesmo num governo difícil como esse a gente quer apresentar alternativas para o Brasil”. E, para isso, é fundamental a articulação entre os movimentos: “entrar em todos os setores sociais. Pelo parlamento, pela intelectualidade, pelos pesquisadores, pelos artistas. A gente precisa ter a inteligência e a coerência de fazer com que as grandes articulações com os setores que eu acabei de falar possam funcionar”.

# Em nova fase, planetário busca engajamento da comunidade

Projetos e iniciativas têm como objetivo desmistificar o universo, promover o ensino e a pesquisa, além da interatividade da população com a astronomia

**Luciana Porto**

Ainda na antiguidade o céu já era utilizado pelo homem como mapa, calendário e relógio. Considerada uma das mais antigas ciências, a astronomia despertou a curiosidade dos povos chineses, babilônios, assírios e egípcios, responsáveis pelos registros mais antigos sobre o universo, séculos antes de Cristo. Não distante disso, ele também foi palco para a criação das mais diversas histórias mitológicas, cerne de debate filosóficos e fundamentos religiosos. Sempre cercado de muito misticismo, o universo ainda é uma incógnita para grande parte da população na atualidade, barreira que o Planetário Juan Bernardino Marques Barrio deseja romper com a criação de projetos e iniciativas que visam a popularização da astronomia.

Sob gestão do Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa) da Universidade Federal de Goiás (UFG), o planetário de Goiânia foi inaugurado na década de 1970, e recebe atualmente cerca de 25 mil pessoas por ano. Manoel Alves Rodrigues Júnior, que é diretor da unidade, explica que o público que frequenta o planetário é diversificado, porém a maioria é formada por estudantes. “Estamos na luta para que o planetário seja muito mais conhecido do que ele é. Queremos torná-lo um espaço museológico, de diversão e ensino, atingindo desde os pequeninos até os idosos. Queremos diversidade não só a nível de conhecimento, mas também de faixa etária”, aspira o físico.

## Interatividade

Para atender melhor a comunidade goianiense, a unidade mantém sessões de terça-feira a domingo, com o projeto “Planetário ao alcance de todos”. Além disso, Rodrigues comenta que outras iniciativas são desenvolvidas pelo planetário, e novas ainda estão sendo projetadas para entrarem em execução ainda

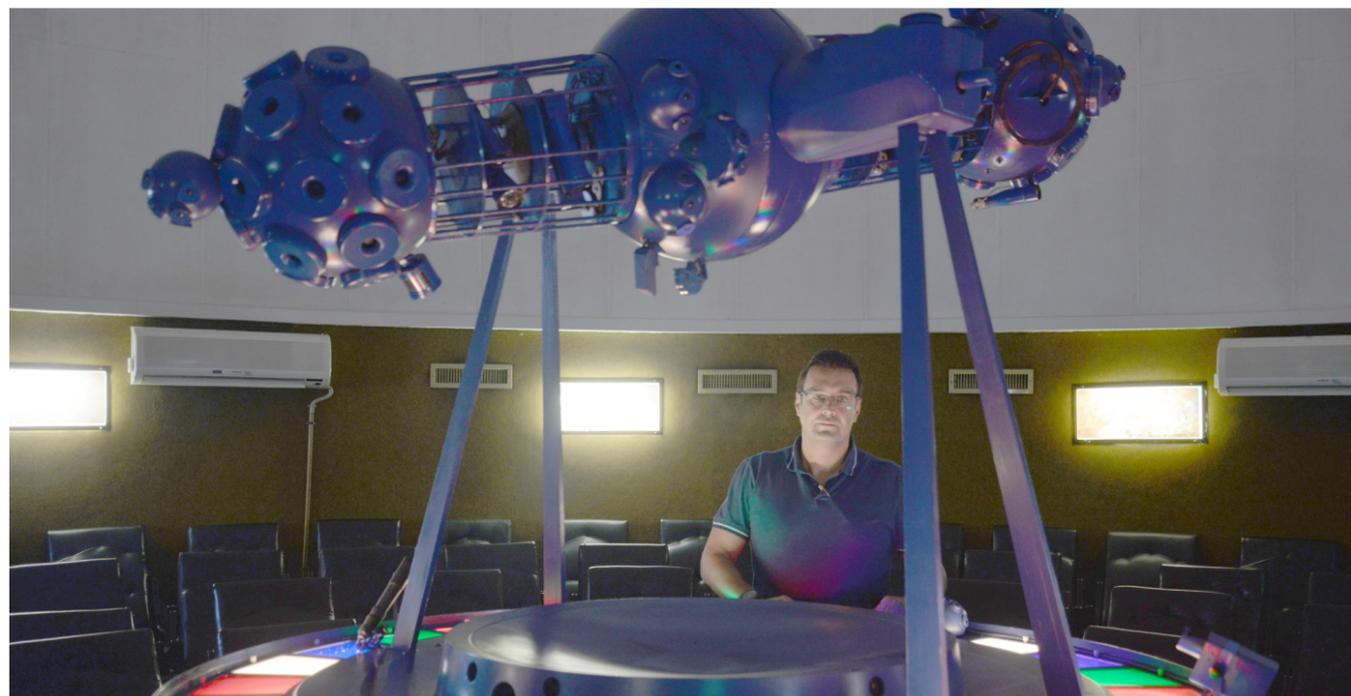


Foto: José Abrão

*Professor Manoel Alves Rodrigues Júnior desenvolve projetos culturais e educativos no Planetário de Goiânia*

este ano, como a construção de um laboratório para ensino e educação em astronomia, e o museu do planetário – que mostrará na prática como funciona o sistema solar. “Temos uma bola amarela de sete metros do lado de fora do planetário, vamos transformá-la no sol e colocar os planetas em escala. A Terra, por exemplo, ficará a uns dez centímetros de distância. Não só a Terra mas todos os outros planetas estarão ali em escala de tamanho e distância. Neste espaço vamos conversar e discutir muitos assuntos, como por exemplo a velocidade da luz, que muitas vezes as pessoas escutam falar mas não sabem o que isso significa, com as pessoas vendo fica mais palpável. E, é claro, vamos usar o espaço externo também para brincadeiras e interação”, revela o diretor.

Apesar de estar em período de férias, Rodrigues atendeu de prontidão não apenas a equipe do Jornal do Professor, mas também a comunidade em geral. No último eclipse total da lua, que aconteceu na madrugada do dia 20 para 21 de janeiro, o planetário abriu os portões para quem quisesse acompa-

nhar o fenômeno. Apesar disso, o professor critica a forma como é feita a exposição midiática de alguns eventos astronômicos, que – segundo ele – acaba fortalecendo mitos e estigmas sobre o universo.

“Quando se fala, por exemplo, que vai ter a Super Lua, as pessoas ligam aqui e perguntam o que é. Ou a Lua de Sangue, que muita gente se assusta e acha que vai morrer. Esse interesse pelo céu existe, o que falta muito são as pessoas buscarem a explicação para as coisas, entenderem os processos, e perderem um pouco do misticismo. Desde o início da humanidade o homem precisa do céu para entender os ciclos, e hoje não é diferente.”

Temos o projeto de abrir aqui a noite para as pessoas poderem vir e olhar pelo telescópio. Quem nunca viu saturno num telescópio assusta, porque a olho nu a gente vê um pontinho e quando olha pelo telescópio a gente vê os anéis. É fantástico!”

## Ciência

Mais do que entretenimento, o Na realidade, a unidade funciona também como um laboratório para alunos de

graduação e pós-graduação da UFG, de acordo com Rodrigues. Uma das poucas instituições de ensino a oferecer a disciplina de astronomia na grade curricular de alguns cursos, o planetário recebe alunos da geografia, biologia, arquitetura e também já foi palco para apresentações de trabalhos de conclusão de curso e outros eventos. “No ano passado fizemos vários eventos que foram além da astronomia. No Dia do Índio recebemos um grupo de indígenas, e fizemos pintura corporal, artesanato, divulgação do núcleo, dança, e também sessões mostrando um pouquinho do céu indígena, porque eles enxergam as constelações de forma diferente, foi um dia fantástico. Eu sempre convido o pessoal da universidade para vir para cá também e fazer projetos aqui. Já recebemos um aluno das artes que se formou e o TCC dele foi fazer uma sessão com conotação mais artística e menos conceitual em termos de astronomia. Ficou muito bonito. Estamos abertos, o planetário é um espaço diversificado e nós amamos receber as pessoas”, completa Rodrigues.

# Previdência: “todos terão que tempo para

O diretor de Assuntos Jurídicos do Proifes, Eduardo Tributários e da Seguridade Social, Aurora



Flávio Alves, diretor presidente do Adufg, promove discussões na entidade



Aurora Miranda fala sobre a verdadeira faceta da Reforma

## José Abrão

O governo federal apresentou a Proposta de Emenda à Constituição nº 6 de 2019, mais conhecida por Reforma da Previdência, que altera drasticamente as regras de concessão de aposentadorias, com mudanças como o aumento do tempo de contribuição, restrição do acesso e redução do valor dos benefícios. Dentre os principais pontos, o texto proposto iguala a idade mínima de aposentadoria para trabalhadores do setor privado e do setor público em 62 anos para mulheres e 65 para homens, com período de transição de 12 anos, e traz mudanças significativas para os servidores públicos no geral, e para os professores e professoras federais em particular.

Para ser aprovada, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) passará primeiro pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, que analisará se o texto fere algum princípio constitucional. Se a

CCJ aprovar a constitucionalidade, será criada uma comissão especial formada por deputados para debater o mérito da proposta. Caso seja aprovada na comissão, a PEC segue para votação no plenário da Câmara, onde precisa do apoio de ao menos 308 dos 513 votos em dois turnos de votação.

O diretor de Assuntos Jurídicos do PROIFES-Federação Eduardo Rolim (ADUFRGS-Sindical) explica que a reforma traz duas grandes mudanças graves que irão afetar a vida das gerações futuras. A primeira é a desconstitucionalização: “A palavra é feia, mas quer dizer que o governo está propondo que a partir de então tudo da Previdência seja tratado em lei complementar e não mais na Constituição.” Isso vai permitir que qualquer governo possa mudar tempo de contribuição, idade, benefícios e mais através de lei complementar com maioria simples no Congresso, pois retira do texto da Consti-

tuição as garantias previdenciárias.

A segunda é a criação de um novo regime previdenciário, que é o da capitalização individual. “É um sistema no qual as pessoas vão ter que contribuir sozinhas para a sua aposentadoria no futuro sem a contrapartida do empregador, sem a contrapartida do governo, sem a contribuição de impostos. Isso copia o modelo do Chile em que as pessoas estão ganhando muito mal, os aposentados ganham muito pouco”, explica.

Segundo Rolim, a reforma “não tem nada a ver com déficit, não tem nada a ver com quebra de privilégios como o governo está falando. Em uma reforma que faz os trabalhadores mais pobres, mulheres e trabalhadores rurais trabalharem muito mais a vida toda para se aposentar, o objetivo principal dessa reforma é jogar o dinheiro público, o dinheiro das pessoas, da Previdência Social, na mão de

fundos privados internacionais”.

Isto está de acordo com a visão de Aurora Miranda, presidente da Fundação ANFIP de Estudos Tributários e da Seguridade Social. Ela comenta que a população está desinformada quanto à verdadeira faceta da reforma, pois ela “é apresentada com o objetivo de buscar equilíbrio entre receita e despesa, o ajuste fiscal”, mas que, na verdade, “é uma completa transformação na fundamentação da seguridade social porque ela modifica os princípios da solidariedade, da universalidade, do provimento público de proteção social, por outros baseados no individualismo, porque ela transfere progressivamente o fundo público para o sistema financeiro privado”, disse.

Isto porque a reforma vai introduzir o sistema de capitalização e a estrutura lógica da PEC vai introduzir apenas as regras gerais, pois vai dar a

# trabalhar mais e por mais receber menos”

Rolim, e a presidente da Fundação ANFIP de Estudos Miranda, falam sobre a verdadeira face da PEC



Professor Eduardo Rolim em palestra na UFJ sobre a questão previdenciária

possibilidade de criar leis complementares que são leis infraconstitucionais. “Porque no caso uma PEC precisa do apoio de 3/5 dos deputados para ser aprovada e uma lei complementar exige só 50% do Congresso para ser aprovada. Com o passar do tempo poderá haver um enfraquecimento tão grande da Previdência Social que ela vai se extinguir”, explica Aurora.

A mudança das pessoas para a previdência privada é, a prazo, o objetivo. “Porque quando você olha a reforma que se efetivou no Chile, que hoje já mostra seus malefícios com idosos se suicidando por falta de recursos e a aposentadoria falida, a gente pode notar que o que está se instituindo aqui seja até por se desconhecer o sistema”, afirma Aurora, “O sistema de previdência complementar é válido, mas ele é um sistema que não foi criado para substituir a Previdência Social. A Previdência Social é

um dever de Estado, está prevista na Constituição”. A privada, explica, é para quem vai se aposentar e quiser aumentar a sua renda para ter uma velhice mais tranquila. “Ela é válida desde que não traga prejuízos para a previdência social, que é que está acontecendo: destituir a Previdência Social, que é o que vai acontecer se a reforma for aprovada dessa forma, e substituí-la pela previdência complementar”, ela completa.

Na previdência privada se instituiu um fundo individual, e o dinheiro vai ser trabalhado pelas instituições. Aurora critica os riscos deste caminho, por ser um investimento: “Você faz um plano, vai depositando para sacar daqui a 30 anos e ele será aplicado em títulos. Quem garante que você vai ter o lucro necessário? Porque vai depender dos altos e baixos dessas aplicações. Você não sabe quanto você vai receber, vai depender da evolução financeira do seu capital”.

“São jogadas políticas que vão trazer o desmonte da Previdência e do papel social do Estado, levando para a população o ônus da dívida atual e beneficiando não a população, mas o sistema financeiro”, critica Aurora. Ela argumenta que ao trazer a capitalização para o bojo da Previdência, isto vai beneficiar os bancos, pois eles serão os financiadores. “Essa é a nossa preocupação. Não que a reforma não seja necessária, mas uma reforma justa, solidária, que vá beneficiar o povo e não tirar do povo para pagar uma dívida que não foi a sociedade que contraiu”, declara.

Para Aurora e Rolim é difícil definir os grupos mais prejudicados. Alguns certamente terão mais prejuízos que outros, mas quem será afetado “é a população como um todo”, diz Aurora, especialmente por causa das possíveis mudanças no futuro por causa das leis complementares: “então não há garantia.”

O baque geral mais palpável é o da idade. “Se vai se exigir um parâmetro de 65 anos para homens e 62 para mulheres, é muito difícil se aposentar. Muito provavelmente as pessoas não vão ter a prerrogativa de se aposentar”, disse Aurora. “Querem aumentar a alíquota, mas ela não é linear, pesa muito mais em cima dos aposentados, para os que ganham acima do teto, de antes de 2013. Praticamente vai dobrar para essas pessoas mais idosas”, afirma Rolim. “Querem criar uma contribuição extraordinária para quando tiver déficit. Na conta de quem? Dos aposentados que ganham mais que o teto. Tem a desconstrução do serviço de benefício de prestação continuada, que é pago para as pessoas mais pobres. Vai reduzir as pensões para quem tem direito a acumular pensão e aposentadoria, como é o caso dos nossos velhos professores.”

“Tem pra todo mundo”, resume Rolim. “Todos terão que trabalhar mais e por mais tempo para receber menos.”

## Docentes jovens

As principais mudanças são para os professores mais jovens, de terceira e quarta geração, que precisarão refazer o cálculo da média. Hoje, homens se aposentam com 60 anos e 35 de contribuição, e mulheres com 55 e 30 anos, a soma é 95 e 85. Na reforma é previsto que essa soma suba até 105 e 100, um aumento de 15 anos para a mulher e 10 para o homem, o que significa que as pessoas dificilmente vão se aposentar nessa idade. “Quem se aposentar depois de 2032, essa soma não é nem garantida hoje, porque isso pode mudar com leis complementares, indo para somas bem acima”, disse Rolim.

Hoje se calcula a média para a aposentadoria dessas pessoas, seja da terceira geração (2004-2013) ou da quarta (2013-), da seguinte maneira: “É a média das melhores contribuições correspondentes a 80% do tempo, ou seja, 20% do tempo é jogado fora, são aqueles anos do início da carreira. Agora a média vai pegar todo o tempo, incluindo os salários mais baixos do início da carreira, então necessariamente ela vai baixar”, explica Rolim. Por isso o docente precisa de 40 anos de contribuição para chegar a 100.

Isto vale inclusive pro pessoal do teto: “Como nossa contribuição muitas vezes é sobre valores acima do teto, a contribuição é o teto. Nesse caso, se não contribuirmos os 40 anos, não vai ser nem o teto, vai ser de acordo com o tempo de contribuição que a pessoa tiver, sem contar o aumento da alíquota”, disse Rolim. Atualmente são sete professores, quitando para as espécies nativas.

# Cepae promove ensino, pesquisa e extensão na Educação Infantil

Unidade da Universidade Federal de Goiás possui departamento especializado no ensino de crianças, e devolve à comunidade ciência e inovação na área da educação

Foto: Bruno Destéfano



Unidade desenvolve projetos e pesquisas que visam melhorar a educação infantil. Cepae conta com mais de 80 profissionais de magistério superior e EBTT

## Luciana Porto

Uma das mais importantes etapas da formação da criança, a Educação Infantil promove o desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor. A escola é o primeiro local onde a criança convive diariamente com outras pessoas sem ter os pais por perto, por isso ela é também um excelente exercício de cidadania e vivência em sociedade. Na Universidade Federal de Goiás (UFG), este trabalho é realizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae), cujos professores de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) atendem centenas de crianças da comunidade.

Alcir Horácio da Silva, que é diretor do Cepae, explica que a unidade possui dois grupos de professores. O primeiro é formado por 71 profissionais de magistério superior, e o segundo por nove professores do EBTT, que estão alocados no departamento de educação infantil. De acordo com o diretor, este departamento de educação infantil (ou antiga creche, como muitos chamam) foi assumido pelo Cepae em 2013. “Antes a creche era gerida pela Reitoria de Assuntos Comunitários, hoje temos um departamento bem estruturado, e em breve seremos 12

professores na Educação Infantil”, pontua Silva.

Professora da Educação Infantil, Maria José de Oliveira Pereira Dias conta que a creche existe desde 1980, sendo criada pela universidade para atender às reivindicações de professores e alunos. Apesar disso, não existia um projeto bem definido em relação ao processo de ensino da criança, nem para formação de professores ou pesquisa e extensão, culminando apenas no caráter assistencial. “A partir de 2013 implementa-se um projeto pedagógico dentro do departamento de educação infantil, ela passou a ser a primeira etapa dentro da educação básica no Cepae”, explica a professora.

## Consolidação

Com a absorção da creche pelo Cepae, foi possível também a criação de um departamento especializado na educação infantil, que além de promover o ensino conseguiu formar professores e desenvolver pesquisas e projetos de extensão. Maria José lembra que a partir desse momento, a unidade passou a receber um quadro muito grande de estagiários, de pesquisadores, que buscam o conhecimento teórico e metodoló-

gico da infância e da criança. “Hoje trabalhamos uma proposta de socialização, interação e mediação do conhecimento com essas crianças, do início até o encerramento dessa fase da educação infantil todas as atividades são instituídas de modo coletivo.”

Maria José comenta que as crianças matriculadas possuem uma rotina semanal planejada, que começa na acolhida do aluno e do familiar. Segundo a professora de EBTT, as atividades desenvolvidas possuem o princípio básico do coletivo, porém leva-se em consideração também outros aspectos individuais da criança, como por exemplo a faixa etária. “Trabalhamos em quatro áreas do conhecimento: Artes, Linguagem, Jogos e Brincadeiras, e uma área mais recente que é a Ciências da Natureza e Geografia da Infância, que são áreas fundamentais da formação integral. Não dá para desvincular o cuidar do educar”, completa a professora.

## Pesquisa e extensão

O diretor da unidade explica que os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos no Cepae devem estar ligados à realidade do que é trabalhado dentro da

unidade, e dessa forma contribuir não apenas para a ciência, mas também para aprimoramento do ensino. “O ideal é que sempre se faça um trabalho voltado para aquilo que está sendo ensinado. O ensino é quem direciona a pesquisa”, pondera Silva.

Maria José comenta que diversas pesquisas estão sendo realizadas atualmente. Mas, além disso, inúmeros projetos de extensão também têm o seu lugar no Cepae e, segundo ela, todos são realizados em consonância com a comunidade, seja na formação de professores do município ou em parceria com os Centros Municipais de Educação Infantil (Cmeis). “A Rafaela trabalha com a pesquisa voltada para avaliação na educação infantil, que é uma avaliação diferente das demais etapas da educação. A professora Marcia trabalha com literatura e linguagem, a Ana Rogéria também trabalha nessa perspectiva da linguagem, a professora Adriana trabalha com inclusão. Então, de certo modo, nós estamos contribuindo e iremos contribuir ainda mais com a comunidade”, finaliza. A forma de ingresso do aluno no Cepae é por meio de sorteio público sem reservas de vagas.

# Agro Centro-Oeste aproxima a agricultura familiar do mercado nacional e de exportação

Luciana Porto

Responsável pela maior parte da arrecadação do agronegócio nacional, a agricultura familiar coloca o Brasil entre os dez maiores produtores de alimentos no mundo. Dados do Censo Agropecuário, realizado há cerca de dois anos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que a atividade é a base da economia de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes. Além disso, a agricultura familiar é a renda de 40% da população economicamente ativa do país, e por mais de 70% do total de brasileiros que trabalham no campo.

Em Goiás, a atividade conta com um grande aliado: a Agro Centro-Oeste Agricultura Familiar. Idealizado no ano 2000 pelo reitor Edward Madureira Brasil e desenvolvido pela Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos da Universidade Federal de Goiás (UFG), o projeto garante apoio, profissionalização e fortalecimento dos produtores regionais. A professora e coordenadora da Agro Centro-Oeste, Graciella Corcioli, explica que no início a intenção era promover uma grande exposição tecnológica do agronegócio. “Não deu muito certo, porque já temos uma grande feira nesses moldes, que é a Tecnoshow Comigo, em Rio Verde. Então o professor Gabriel Medina começou a se interessar pelo evento e transformou ele em uma exposição da agricultura familiar”, conta.

Durante dois anos o evento acontece em Goiânia, e no ano que intercala a exposição é levada para algum município do interior do Estado. Este ano, o Centro de Eventos da UFG recebe os expositores entre os dias 29 de maio e 1º de junho, sendo o maior desafio atrair produtores de outros locais do Centro-Oeste. “Até hoje quem realizou o evento com a gente foi a UFG, o Instituto Federal Goiano e a Universidade Estadual de Goiás. Mas, a intenção é que o evento vá para outras instituições e outros Estados do Centro-Oeste. Precisamos atrair expositores fora de Goiás também”, pontua Graciella.

Em 2018, o projeto deu um importante passo em sua trajetória. A abertura de lojas colaborativas em shoppings centers da capital permitiu visibilidade e valorização dos agricultores familiares. A primeira loja colaborativa teve início em novembro no shopping Passeio das Águas, posteriormente o Shopping Cidade Jardim convidou os produtores para outro espaço em sua unidade. “A sociedade não está preparada para sa-

Projeto desenvolvido pela Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos promove profissionalização e fortalecimento dos produtos locais



Professores Graciella Corcioli e Gabriel Medina em loja colaborativa



Artesanato está entre os materiais produzidos pela agricultura familiar

ber de onde vem os alimentos que ela consome. As pessoas têm a ideia de que vem de grandes áreas e produtores, e quando chegam aqui na loja elas têm um encontro direto com o produtor e

se perguntam: “Nossa, isso aqui é a agricultura familiar que produz?”. Grande parte da comida que vai para a mesa do brasileiro é produzida pelo agricultor familiar e a

sociedade não sabe disso”, critica Graciella.

Mais do que a comercialização de produtos da agricultura familiar, a Agro Centro-Oeste promove cursos, palestras, dias de campo, e outras iniciativas voltadas para a atividade. O professor e coordenador do projeto, Gabriel Medina, comemora a profissionalização dos produtores com o apoio de diversas áreas dentro da universidade. “Os produtos que apareciam na feira de 2011 eram produtos com acabamento muito inicial ainda. E ao longo do tempo esses empreendimentos foram amadurecendo com a chance de vir para Goiânia, expor na universidade, isso é uma coisa importante para a universidade também. No intervalo entre os eventos, a gente coloca esses agricultores para fazerem curso lá na Agronomia e os professores ensinam sobre Boas Práticas de Alimentação, manejo e processamento do alimento”, revela.

## Engajamento

Para o sucesso da Agro Centro-Oeste, Medina aponta que a participação de outros cursos é fundamental. Além disso, a iniciativa é uma oportunidade para os alunos de graduação saírem dos muros da universidade e irem a campo conhecer o trabalho dos produtores. “Do projeto, derivam iniciativas dos próprios estudantes. Por exemplo na Agro Centro-Oeste os alunos que possuem grupos de estudos passam pelos estandes para conversar com o produtor e conhecer a realidade dele, entender as dificuldades e oferecer solução. É muito interessante essa aproximação do aluno de graduação com o produtor; cria-se uma empatia, não apenas dos alunos de agrárias, mas também de outros cursos, como a Fanut, a Educação Física, A FAV, que também nos ajuda e transforma o produto visualmente”, relata o coordenador.

Outro ponto comemorado por Medina é o crescimento da agricultura familiar; além do incentivo que a esfera pública tem promovido para a atividade, como por exemplo a criação do prêmio Prefeito Amigo da Agricultura Familiar. A premiação foi lançada durante a feira da Agro Centro-Oeste Agricultura Familiar e é destinada aos gestores municipais que estimulam o surgimento de cooperativas e associações de agricultores familiares. “Essa é a parte estratégica da Agro Centro-Oeste, garantir a visibilidade da agricultura familiar e provocar governo do Estado e municípios a se envolver com o segmento, esse é o legado do evento a longo prazo”, completa Medina.

Foto: Luciana Porto

Foto: Luciana Porto

# Vozes do Grande Sertão

Pesquisa realizada em parceria da UFG com a Unicamp rende documentário 'Conversa Fiada', sobre 15 mulheres fiadeiras tradicionais do interior mineiro

**José Abrão**

Fruto de dois anos de pesquisa, numa parceria entre a Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), *Conversa Fiada* é um documentário que acompanha a vida (e as linhas) das fiadeiras, tingideiras e tecedeiras do Vale do Uruçuia, no sertão de Minas Gerais e cenário de *Grande Sertão: Verdades*, de Guimarães Rosa. Ao todo o filme conta um pouco da história de 15 mulheres e se tornou o cerne do pós-doutorado da professora Dinalva Ribeiro, da Escola de Agronomia (EA).

"A princípio nossa intenção era fazer uma pesquisa que envolvesse sementes crioulas, pois nós trabalhamos com comunidades camponesas em toda nossa trajetória acadêmica", conta ela, "todo esse modo de fazer, operar, organizar e produzir do camponês nos interessa muito e as sementes crioulas nos encantam muito porque é a origem da produção da vida nessas comunidades."

Partiram para o Vale do Uruçuia com a intenção de realizar essa pesquisa. No entanto, ao chegar lá, "começamos pelos quintais, pelas hortas, pelas cozinhas, pelas mulheres, para acessar esse universo das sementes, que de certa forma envolve toda a dinâmica da casa e passa muito pelas mulheres. E ao ter esse contato nos deparamos com outra potência que é esse trabalho com o tissume e a lida com o algodão", relembra. Isto levou a uma guinada na pesquisa e o convívio com elas foi nos revelando toda a trajetória e todos os elementos que ao final se tornaram o vídeo documentário. Chegamos até elas mediados pelas sementes e vivemos com elas por dois anos, fiando, tecendo, tingindo, lidando nas hortas, nas roças, dividindo dores e amores com essas mulheres", conta Dinalva.

A princípio, a ideia passou a ser focar no aspecto técnico e artesanal do tissume, já que a prática está em extinção. "Nesse processo aprendi a fiar, a tecer, passei a fazer junto com elas", revela a professora, "no entanto, tivemos uma surpresa ao começar a trabalhar com elas. É uma segunda faceta que não contávamos com ela, que é o tissume como o lugar de encontro e sororidade das mulheres, embora esta



Foto: Luciana Porto

Professora Dinalva Ribeiro encabeçou o projeto



Fotos: Divulgação



Mulheres do sertão: uma vida marcada pela resistência

palavra não esteja no vocabulário delas. É o lugar do encontro entre elas e do apoio e da solidariedade, de forma que é no tissume que elas conseguem reunir forças para superar muitas violências, muitas dores, muitos traumas que elas são vítimas ao longo de suas vidas".

O fiar se revelou como lugar de potência e, ao mesmo tempo, lugar de trabalho que é lugar de descanso, porque lá que elas podiam falar entre si, expor entre si suas dores e angariar suas forças, se descansar do cotidiano bastan-

te desgastado, muitas vezes por suas relações com seus maridos e os próprios filhos. "Nós não podíamos fazer vista grossa para o que nos revelou essas mulheres", afirma Dinalva. "Entendemos que esse aspecto seria o mais importante e mais significativo de ser revelado pelo documentário porque ele é muito atual. Ele reforça em nós a certeza de que todas as mulheres, de todos os tempos e espaços, de alguma forma ao mesmo tempo em que todas sofremos privações e violências físicas e simbólicas, todas nós

conseguimos encontrar brechas para se fortalecer e construir uma resiliência. Elas são extremamente resilientes."

A professora se impressionou pela capacidade delas de passarem por toda sorte de sujeições que nararam, de sobreviver e de ressignificar a sua própria história. "E a alegria dessas mulheres, a disposição delas pra vida, é impressionante. Em nenhum momento elas se renderam à dor", narra a professora, "Pelo contrário: só falam nisso quando a gente provoca, mas essas dores não dão o tom da conversa delas. O que dá o tom é a disposição, a alegria." Ela acredita que o grande legado do documentário é mostrar este enfrentamento: "é um enfrentamento distinto. Na verdade é uma ação de preservação da própria vida porque se elas não encontrassem essa forma entre elas de se fortalecer e de construir uma via alternativa de driblar aquelas circunstâncias, algumas delas estariam mortas, como muitas foram mortas. O feminismo é um fato, presente na vida de todas as mulheres, mesmo naquelas que sequer conhecem o termo. A prática delas é feminista."

O filme foi produzido por Dinalva e dirigido por ela em parceria com o cineasta Diego Zanotti. "A pesquisa era a parte em que eu mais estava envolvida, mas o documentário eu não poderia fazer sem uma parceria de uma pessoa com a experiência que o Diego carrega", disse ela. O diretor relata que foi uma experiência de aprendizado incrível, "especialmente por ser um ambiente muito feminino, eu ser convidado a entrar na intimidade dessas mulheres, pra mim foi uma grande honra escutá-las e compartilhar um pouco desse mesmo espaço. Me senti muito grato à Dinalva pela confiança."

Ele comentou da importância de produzir filmes assim: "Hoje estamos mesmo em uma luta. Os territórios das antes consideradas minorias hoje são majorias potentes encontrando seus espaços para falar, colocar para fora suas verdades." O documentário deve circular em festivais, foi licenciado para um canal de TV e também está disponível gratuitamente no YouTube. A pesquisa foi realizada em 2016 e 2017, mas a professora conta que nunca mais se separou dessas mulheres conforme outros projetos foram surgindo.

# Saúde mental: “Algo que precisamos cuidar desde sempre”

Psiquiatra do Siass fala da importância das práticas de prevenção

**José Abrão**

No início do ano foi celebrado o Janeiro Branco. Ao contrário do Setembro Amarelo, dedicado à campanha contra o suicídio, o mês branco é focado em prevenção e nas ferramentas para evitar o adoecimento mental. Ainda não é um movimento que conquistou a dimensão de outros meses de campanha, como o Outubro Rosa e o Novembro Azul, mas o importante é chamar a atenção para a preservação da saúde mental. Este ano, o Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Professor (Siass), através da Pró-Reitoria de Pessoas (Propessoas) e com apoio do Adufg-Sindicato e do Sint-Ifes, realizou palestras sobre saúde mental em vários locais dos campi sobre saúde mental e prevenção tanto em janeiro quanto em fevereiro.

Porém, vale destacar que praticar as medidas de prevenção para uma vida saudável vale para o ano todo, especialmente para evitar os casos de adoecimento relacionados ao ambiente de trabalho.

“A psiquiatria e as outras áreas da saúde mental focam muito no tratamento do adoecimento, mas assim como as demais áreas da saúde, devemos nos focar na prevenção”, explica o médico psiquiatra do Siass, Sávio Teixeira, “O docente especificamente tem um dos mais altos índices de adoecimento mental entre as profissões.” Qualquer profissional que não esteja em harmonia com sua profissão pode sofrer de qualquer doença mental. “Se ela está em um ambiente de trabalho opressor, muito estressante, com relações desarmônicas, pode ser um gatilho”, conta. Os transtornos ansiosos e de humor são os mais comuns, somados aos transtornos de sono.

Existem transtornos que têm relação exclusiva com o trabalho, como a Síndrome

de Burnout. Ela está vinculada ao ambiente de trabalho e os docentes estão muito em risco. “Há uma sensação de distanciamento, de não se sentir realizado, de não ter mais estímulo para fazer o seu trabalho, aquela frieza, esgotamento”, Sávio apresenta os sintomas. Porém, o corpo dá sinais antes da pessoa perceber que está estressada ou ansiosa: “O primeiro sinal é sensação de fadiga. Você está sempre cansado, pode dormir o final de semana inteiro e continua cansado, indisposto; alteração de apetite, sua fome pode aumentar e você começa a comer mais ou senão você perde o apetite, começa a perder peso; o sono pode ficar desregulado, você pode passar a ter insônia; gastrite; algumas pessoas podem sofrer lesões na pele, ter queda de cabelo; alterações de libido. Tudo isso acontece e geralmente é sinal de um transtorno mental”, explica o médico.

Já a prevenção mental passa por várias coisas, muitas delas elementares. “A realização de exercício físico é extremamente importante. Uma nutrição adequada te deixa mais disposto, ajuda a regular o sono. Tudo isso está vinculado a uma maior saúde”, disse. “A prática de algo alheio ao seu trabalho: mesmo tendo uma rotina muito extenuante, é importante ter uma hora no dia dedicada a fazer algo que você gosta muito e que não tem a ver com trabalho, que é seu”, sugere o doutor.

Além disso, também é importante romper com hábitos. “Nos finais de semana é sempre bom quebrar a rotina. A rotina é boa, mas ela cansa. É importante ter um momento para sair dela”, apresenta Sávio.

## Felicidade

Aqui na UFG, a campanha deste ano abordou a



Psiquiatra Sávio Teixeira e professor de filosofia Rafael Rodrigues



Médico abordou principais fatores que podem desencadear doenças mentais

busca pela felicidade. O professor Rafael Rodrigues Pereira, da Faculdade de Filosofia (Fafil/UFG), explica que “a visão que temos sobre nossa felicidade, em geral, é vaga e absorvida de forma relativamente passiva através da mídia e na maneira pela qual nossa cultura se apresenta em nosso dia-a-dia. Quanto menos controle temos sobre ela”.

Para a comunidade docente e para o ambiente de trabalho em geral, Pereira diz que é fundamental para a felicidade gostarmos do que fazemos assim como desenvolver relacionamentos positivos neste espaço. “Me parece importante a percepção de como nosso trabalho é relevante, ou seja, de que aquilo que fazemos é significativo para a sociedade e para as pessoas, o que contribui para nosso senso de valor próprio”, disse, o que vai além de ganhar um bom salário, envolvendo também a maneira pela qual nossa atividade é percebida

culturalmente, “Eu acho, por exemplo, que os professores infelizmente ainda não são devidamente respeitados em nosso país e também como é percebida pelos pessoas em nosso próprio ambiente de trabalho”.

Para ele, campanhas são fundamentais para a prevenção do adoecimento mental. “Acho que qualquer campanha que discuta a felicidade e as causas da infelicidade é muito importante nos dias de hoje. Nossa compreensão da felicidade é em geral vaga e passiva, o que contribui para quadros de ansiedade e depressão. Precisamos entender melhor o que podemos fazer em relação a isso, em que medida nossa saúde mental depende de nós”, finaliza.

“Saúde mental é um processo contínuo, assim como nossa saúde física. Precisamos entender que saúde mental é algo que precisamos cuidar desde sempre”, resumiu Sávio.

# Educação infantil na prática

Professora do Cepae pesquisou sobre o ensino das artes para crianças

O livro *Pedagogia histórico-crítica e as relações entre arte e vida na educação escolar* analisa as relações entre prática educativa e prática social nessa vertente da Pedagogia, tomando como referência os estudos de Lukács e Vigotski sobre as relações entre arte e vida. Além disso, parte da premissa de que a análise teórica das relações dialéticas e mediadas entre arte e vida fornece contribuições relevantes para o entendimento das relações também dialéticas e mediadas entre educação e prática social. Demonstra também

que a educação escolar e a arte promovem a humanização e o desenvolvimento da subjetividade, incidindo mediada e indiretamente sobre a realidade objetiva. Ou seja, a educação escolar e o processo de transmissão intencional do conhecimento artístico corroboram, efetivamente, para o enriquecimento humano-genérico dos indivíduos. Em tempos de reformas educacionais, este livro traz uma importante reflexão sobre

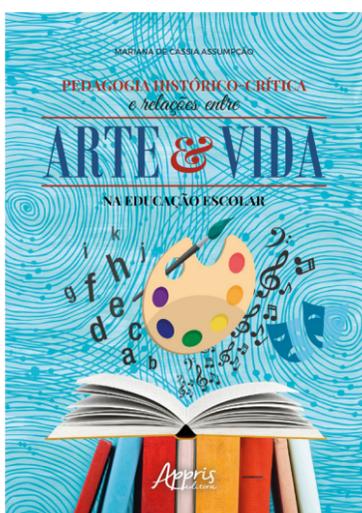
o papel da escola e das artes no processo de formação humana, tornando-se fonte de estudo para professores e profissionais da educação em geral.

O livro se originou da dissertação de mestrado da autora, na Unesp, desenvolvida junto com o professor Nilton Duarte, do campus de Araraquara. “A dissertação é fruto das pesquisas que nós realizamos durante a iniciação científica. Eu comecei as minhas pesquisas junto com o professor Nilton no segundo ano da graduação e dei continuidade no mestrado”, conta. O livro aborda o ensino de arte sob o viés da pedagogia histórico-crítica. “Esse é um trabalho resultado de um estudo desenvolvido desde 2009 que teve seu desfecho em 2014”, explica ela. “É um trabalho de cunho teórico que teve como objetivo extrair de autores referências da estética e da psicologia e pedagogia, o que eles entendiam como arte e como a contribuição desses autores vem a ajudar na compreensão dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica.”

“Queríamos entender como a arte incide na formação dos sujeitos, dos alunos, e como a relação entre a prática social e a prática educativa é uma relação por essência indireta e mediada, não há resultados pragmáticos e imediatistas para o ensino. Desenvolvi como se dão essas relações e qual a importância da arte para a formação humana”, resume.

## ***Pedagogia histórico-crítica e as relações entre arte e vida na educação escolar***

Mariana Assumpção/ Editora Appris/ 171 páginas

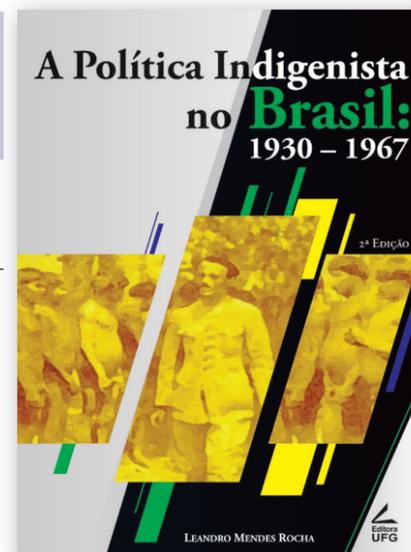


## **A política indigenista no Brasil: 1930 – 1967**

**Leandro Mendes Rocha**

Editora UFG/ 316 páginas/ 2ª edição

Este livro divide-se em treze capítulos, dentre os quais nove tratam de questões gerais relacionadas à ação do Estado: a população indígena brasileira; a ideologia que norteou as ações estatais no período abordado; o estatuto jurídico do índio; as agências indigenistas; o papel dos postos indígenas; as ações de assistência e pacificação; a relação entre a política indigenista e a questão religiosa; e as relações entre a política indigenista e a questão fundiária. Os demais capítulos apresentam casos-exemplo, representativos das especificidades e diferenças que marcaram a ação indigenista brasileira.

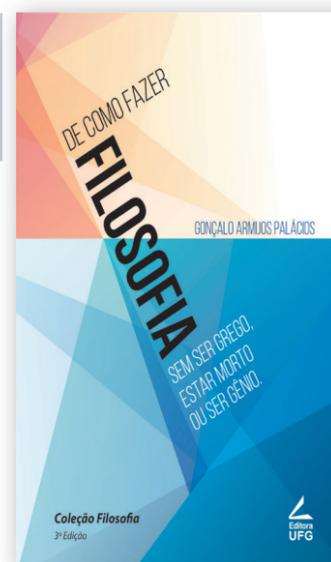


## **De como fazer filosofia sem ser grego, estar morto ou ser gênio**

**Gonçalo Armijos Palácios**

Editora UFG/ 136 páginas / 3ª edição

Num momento em que as ciências humanas sofrem ataques pela sua suposta inutilidade ou tendenciosidade ideológica, é necessário que aqueles nascidos para pensar, e não para simplesmente ruminar o que vem de fora, sejam preparados para um pensamento contestador, crítico, mas bem fundamentado, e não para se submeter de forma subserviente, como o poder político conservador quer, a tudo que vem de fora. Neste livro se insiste na importância de levar as novas gerações a filosofar e não a simplesmente acreditar que para se filosofar é condição necessária ter nascido na Europa ou nos Estados Unidos. O autor reflete sobre a natureza do filosofar, hoje e sempre, e as possíveis saídas para se ensinar a filosofar pela necessidade imanente a todo ser humano de pensar filosoficamente.

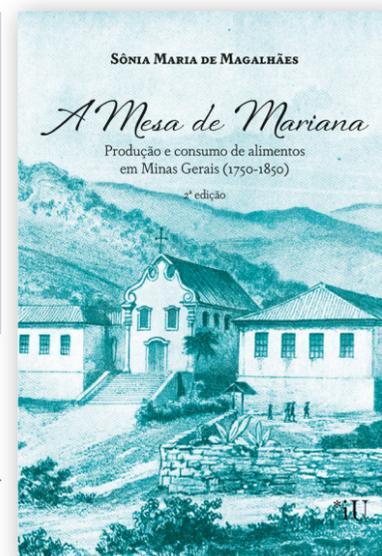


## **A mesa de Mariana: produção e consumo de alimentos em Minas Gerais (1750 - 1850)**

**Sônia Maria de Magalhães**

Editora da Imprensa Universitária/  
234 páginas / 3ª edição

“Mais de uma década após a primeira edição, as pesquisas realizadas pela autora continuam atuais e o tema ainda é muito instigante e vem sendo abordado por pesquisadores de áreas diversas. Ao estudar as práticas alimentares, como o consumo, os modos à mesa, os utensílios, além da produção de alimentos em Minas Gerais entre os anos de 1750 e 1850, Sônia Magalhães analisa fontes de extrema relevância para a história cultural, como os relatos dos viajantes, os inventários *post-mortem* e os inéditos livros de contas do Seminário de Mariana”. (Maria do Carmo Pires)



## Deputado federal Elias Vaz critica Reforma da Previdência

Contrário à proposta do governo federal para Reforma da Previdência, o deputado federal Elias Vaz (PSB) recebeu em seu escritório de Goiânia o diretor-presidente do Adufg-Sindicato e a diretora de Assuntos Educacionais, de Carreira e do Magistério Superior da entidade, Flávio Alves da Silva e Geovana Reis, além de representantes de outras entidades que fazem parte do Fórum Goiano Contra as Reformas da Previdência e Trabalhista. “A nossa ideia é conversar com todos

os parlamentares, até para saber qual a posição deles”, disse Flávio. Na reunião, uma das preocupações que o deputado Elias Vaz manifestou foi com o que chamou de “demonização do servidor público” e defendeu um “diálogo profundo” para impedir as generalizações que se tem visto por parte do governo e da grande mídia para tratar da situação do funcionalismo. “As carreiras públicas são um avanço e seria um retrocesso tratar conquistas como privilégios”, afirmou Elias.

foto: Luís Gustavo



Fórum Goiano se reuniu com deputado para debater a reforma

## Desemprego entre mestres e doutores no Brasil chega a 25%

Segundo matéria publicada pelo *Correio Brasileiro*, a grande maioria dos pós-graduandos brasileiros estão se formando para o desemprego. No mundo a taxa de desocupação desse grupo gira em torno de 2%, mas no Brasil a média é de 25%. A situação é ainda pior para os mestres: 35% estão fora do mercado de trabalho. De acordo com a publicação, há alta demanda para mestres e

doutores em todas as áreas, porém, falta articulação entre o meio acadêmico e os postos de trabalho: em boa parte, as empresas nacionais de ponta e grande porte não enxergam a aplicabilidade de cientistas brasileiros em suas áreas de atuação, restringindo o mercado destes pesquisadores ao meio universitário. Segundo dados da Capes de 2017, o Brasil então possuía 50.306 mestres e 21.591 doutores.

## Professora aposentada do Cepae é homenageada na Assembleia

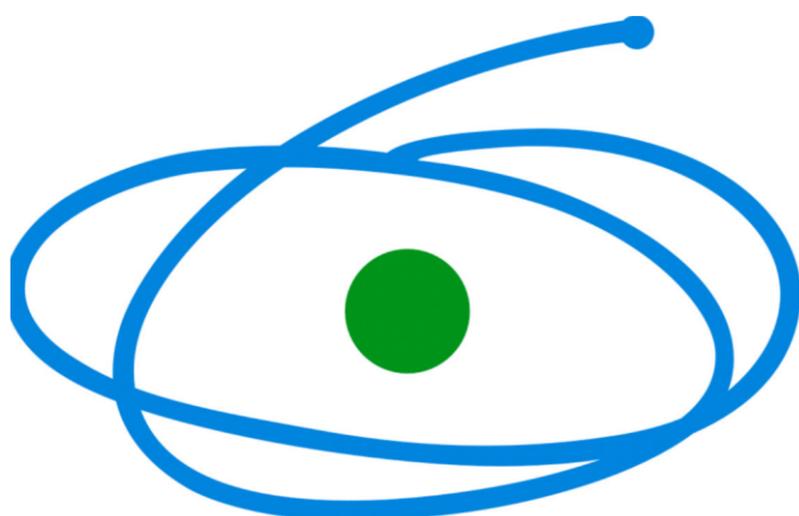
A professora Gene Maria Vieira Lyra Silva foi uma das homenageadas em cerimônia que a Assembleia Legislativa do Estado de Goiás realizou no início de março em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. A Comenda Chica Machado é um reconhecimento a mulheres de destaque na cena goiana social e política. O convite a

Gene Lyra, professora aposentada e ex-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Cepae (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação), foi feito pelo deputado estadual Karlos Cabral (PDT). A cerimônia aconteceu às 18h30 no Auditório Costa Lima da Assembleia Legislativa.

## Mulheres representam 60% dos bolsistas da CAPES

Segundo levantamento da Capes, as mulheres são maioria entre o total de beneficiários das bolsas pagas, atualmente, pela entidade, representando cerca de 60%. O último levantamento foi feito em janeiro deste ano. No total, são 122.103 mulheres bolsistas divididas entre 53.667 cursando pós-graduação e 68.436 em programas de formação de professores da educação básica. Os números

mostram um crescimento significativo no número de mulheres na pós-graduação em relação ao último levantamento, realizado em 2017. Na época, as mulheres representavam 53% dos pós-graduandos, cerca de 195 mil dos 364 mil estudantes brasileiros da época. Porém, os professores universitários homens ainda são maioria: 43,7 mil, cerca de 57% dos docentes de nível superior.



**C A P E S**

# Uma trajetória dedicada à ciência e ao social

Piauiense que dedicou sua vida à melhoria da vida de outras pessoas, Romão da Cunha Nunes colhe os frutos do seu trabalho e se orgulha da sua história

**Luciana Porto**

Com mais de 1,3 milhão de quilômetros rodados, o fusca do professor Romão da Cunha Nunes já perdeu a cor da lataria. “Do Oiapoque ao Chuí”, já fazem 43 anos que o veículo transporta muito mais do que passageiros, carregando também histórias. No ano passado, um acidente assustou os familiares de Romão. O fusca pegou fogo. Apesar disso, o carro segue invicto sua trajetória. “Minhas filhas fizeram uma campanha para que eu o vendesse, só que tem duas coisas que eu não me desfazo na vida: a minha esposa e o meu fusca. Desistiram. Acho que pensaram que se eu vendesse o carro também poderia me dispor da esposa”, se diverte o docente.

E como tem história esse fusca. Entre os anos de 1980 a 1995 Romão ficou em Brasília, onde atuou no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) quatro vezes como coordenador adjunto de Veterinária e Zootecnia e uma vez como titular, e também como superintendente adjunto de Ciência da Vida por dois mandatos. Por 15 anos, o fusca viajou todas as semanas. “Ele é um folclore. Até hoje quando vou para a escola (de Veterinária e Zootecnia da UFG), as pessoas sabem que estou no local pelo fusca que está sempre estacionado na mesma vaga”, conta.

Natural do Piauí, Romão conta que se mudou para Goiânia para estudar. Em meados da década de 1960, o irmão já havia sido aprovado em concurso para trabalhar na Universidade Federal de Goiás (UFG), quando ele enxergou a oportunidade de se mudar para concluir o ensino médio e ingressar no curso superior. O curso escolhido foi a medicina veterinária por identificação com a área, já que até os 16 anos de idade ajudou a família com o manejo de animais na zona rural. Logo em seguida, a partir de 1978, Romão iniciou uma pós-graduação em Belo Horizonte, e



Luciana Porto

*Aposentado há cerca de dois anos, professor Romão coleciona histórias*

então nunca mais parou. “Na faculdade eu já era monitor de anatomia, três anos depois eu fiz concurso público e me tornei professor.”

## Ciência e filantropia

A criação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) foi, sem dúvida, o maior legado de Romão. O docente conta que ao retornar do CNPq, ele iniciou um grande trabalho na área de ciência e tecnologia em parceria com o Adufg, de quem também recebeu apoio para lutar em prol da criação da Fundação. “Eu tinha um GT na área, e consegui dar uma atuação muito forte, a luta da criação da Fapeg foi uma delas. Nessa luta buscamos a ajuda do interior, eu cheguei a viajar 63 vezes para o interior neste período, Rio Verde, Jataí, Itumbiara, Morrinhos, Ipameri, Urutaí, Catalão, Anápolis, Ceres, São Luís de Montes de Belos, essas cidades que tinham unidades da escola técnica. Então eu vi-

sitei essas cidades várias vezes mobilizando para a gente criar a fundação. Depois eu voltei novamente nessas cidades do interior colhendo quase 4 mil assinaturas e chegando aqui eu visitei as 27 unidades da UFG. E aí nós levamos 7 mil assinaturas para o governador pedindo a criação da Fapeg, e então ela decolou”, lembra Romão.

CNPq, UFG, Adufg, Fapeg e também Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e ainda autor de oito livros, sendo três deles organizados pela SBPC. Romão coleciona instituições e, muito mais, experiências. E apesar de estar há tantos anos em Goiás, ele jamais deixou de cuidar e manter o carinho pelas suas origens. Durante 30 anos, o docente esteve em comunidades de pequenos produtores do Piauí e do Nordeste de forma geral incentivando e contribuindo para o crescimento regional. Este esforço

garantiu a Romão a “Medalha do Mérito Renascença do Piauí” pelo seu trabalho em promover a igualdade social. Ele foi condecorado por causa de sua relevante contribuição para o desenvolvimento do Estado de Piauí e, por sua vez, do país como um todo. O prêmio foi entregue pelas mãos da governadora do Estado do Piauí em exercício, Regina Sousa.

“Considero que dei alguma contribuição. No início eu contribuía levando brinquedos para as crianças e ajuda para as famílias, mas depois percebi que eu poderia contribuir ainda mais se fosse no âmbito educacional. Fui alfabetizado naquele esquema de soletrar das escolas rurais, e quando eu voltei numa dessas escolas eu pensei que como educador eu poderia contribuir de uma forma mais duradoura e eficaz. E então eu criei o Prêmio Bertoldo Nunes, que é o nome do meu bisavô, e premiava os cinco alunos destaque. Até 2009, foram 60 prêmios em doze anos”, relata Romão, que atualmente trabalha com famílias do bairro Finsocial, em Goiânia.

## Tradição

De família tradicional do nordeste, Romão ainda mantém forte ligação com o seu berço. Não apenas com os trabalhos filantrópicos que sempre desenvolveu na região, mas com a cultura local. Em várias das suas obras literárias, o docente conta “causos e histórias” de personagens famosos do nordeste. “São João de Sene é o braço da história piauiense. Estou incentivando o prefeito de Tanque a criar o Museu Mestre Pedro de Chiquinho, que era um cara famoso lá que fazia obras com bronze derretido sem nunca ter estudado. Outro pedido meu é que a prefeitura ceda uns cinco hectares para pessoas aposentadas morarem lá. Porque é uma região que mais sai gente do que fica. Precisa de um incentivo para as pessoas ficarem e desenvolver a região”, argumenta.